

da própria experiência de vida, elementos para que eles encontrem o caminho em direção à própria identidade

Por outro lado, o autor tenta definir uma outra direção para o encaminhamento da relação entre os gêneros, de modo que ela não passe, por parte da mulher, pela incorporação dos valores até então restritos ao mundo masculino.

O modelo para as futuras relações entre os gêneros adotado por Cuschnir é otimista. Nele o conflito não aparece como a base das relações interpessoais, mas como decorrente de uma inadequação entre os valores sociais e as necessidades dos indivíduos. Estas últimas, na medida em que são nomeadas e satisfeitas, favorecem a condução de relações equilibradas e verdadeiras.

O trabalho traz em si uma noção de simetria, utilizada para apresentar homem e mulher. O livro é escrito até sua metade sobre o Masculino, e virando-o de ponta cabeça o leitor encontrará a abordagem do autor sobre Feminina. As duas partes do livro se encontram no meio e são convidadas pelo autor a uma dança: "toquem, então, que o baile já começou, e o seu par é . . ." No centro da página, aparecem desenhados os símbolos de Marte (masculino) e Vênus (femini-

no) que se sobrepõem simbolizando o encontro entre um homem e uma mulher.

O autor utiliza pequenos desenhos de Marte e Vênus, no pé de página de cada uma das partes, respectivamente. Ao longo do trabalho estes desenhos vão gradativamente aumentando de tamanho até o meio do livro onde, então, ocupam todo o espaço físico da página.

A idéia de encontro é um conceito chave no trabalho de Cuschnir, e ele a persegue tanto através dos desenhos nos pés de página, quanto dos grupos que coordena, ou ainda na maneira como define um homem e uma mulher. Contudo, sua visão é bastante personalizada e particular, e ele se vale de um texto descritivo e sem a preocupação de sistematizar sua análise sobre a problemática gênero.

Neste sentido, ele aponta as dificuldades vividas tanto por um homem quanto por uma mulher, no que diz respeito às exigências e expectativas sociais definidas para ambos, como sendo uma etapa a ser vencida a fim de que se materialize, no cotidiano, o que está representando, para eles, no imaginário do Ocidente - o determinismo do encontro entre os gêneros, sem conflitos.

SÓCRATES ÁLVARES NOLASCO ■

Falas de mulheres

A Revolução das Mulheres: Um Balanço do Feminismo no Brasil

TOSCANO, Moema e GOLDBERG,
Miriam.

Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992.

No momento em que a cultura ocidental comodamente se instala sob os rótulos do pós (feminismo, marxismo, estruturalismo, modernismo, socialismo etc) e das crises, principalmente a mais confortável de todas, a crise das utopias, o aparecimento de obras como *A Revolução das Mulheres* é especialmente bem vindo. Antes de qualquer méri-

to, o livro, ao longo de suas 115 páginas, proclama à(o) leitora(leitor) uma idéia: "quem sabe faz a hora, não espera acontecer". O livro conta a história e as histórias do movimento com suas protagonistas: é um trabalho que recupera o valor da vontade política que, não sendo puro voluntarismo, tem sido, entretanto, um valor fundamental para se pensar a mudança, seja ela em que nível for.

O comodismo do fim do século, tão ao gosto do pensamento conservador neoliberal, mascarado de vanguardismo pós-moderno, necessita enfrentar a história do século e das transformações fundamentais que nele ocorreram. O capital de um século de lutas não pode ser deixado de lado ou

deixar-se apropriar de forma irresponsável por fukuyamas e camilas da vida.

A *Revolução das Mulheres* está dividido basicamente em duas partes: na primeira, traça rapidamente a trajetória do feminismo enquanto movimento, a partir da *Revolução Francesa até sua versão contemporânea no Brasil*; na segunda, dá a palavra, através de entrevistas, a seis das mais importantes feministas brasileiras, quando estas falam de sua história enquanto feministas e de seus entendimentos sobre o movimento.

Na introdução do livro as autoras colocam-se de forma muito informal contando como de uma amizade duradoura nasceu a idéia do livro. O tom coloquial prepara a leitura agradável que se segue. Não é um livro acadêmico, não pretende sê-lo, dispensa bibliografias e discussões teóricas. Tem o objetivo de contar uma história, de refazer elos. As obras que envolvem uma proposta como esta são talvez as mais difíceis de serem escritas; os perigos de fugir do acadêmico e cair no superficial, de evitar o detalhe enfadonho e cair em um texto excessivamente rápido estão sempre presentes. As autoras não caem, pelo menos de forma a comprometer o livro, em nenhuma das duas armadilhas. Mesmo assim, dois problemas aparecem na introdução, que derivam do tipo de proposta. Primeiro, as autoras afirmam que contando a história do feminismo querem: "desmascarar concepções equivocadas que cercam o feminismo e as feministas tais como: o feminismo foi responsável pela dupla jornada; a mulher, hoje, está mais sozinha e infeliz, sem filhos ou com filhos de diferentes pais; a mulher só quer os direitos masculinos sem querer assumir as responsabilidades; o feminismo foi responsável pela crise da família e do casamento; feminismo é luxo de mulheres que não têm o que fazer, é coisa de mulheres lésbicas, feias e mal-amadas...".

A história é a história das lutas de poder, a luta por impo visões de mundo e através delas dominar. A luta feminista foi sem dúvida uma das que no século XX mais abertamente puseram em xeque estruturas de poder, relações de poder que por sua perenidade na história já estavam sendo vividas não como relações sociais mas como parte da natureza das coisas. Esta luta, como tantas outras, paga um preço alto. É ingenuidade, perigosa ingenuidade, pensar que se põe

em xeque estruturas de poder seculares sem reação. As autoras, no saudável afã de resgatar a história de muitas lutas e colocá-las expostas fora do âmbito dos iniciados, caem em um perigoso didatismo fazendo crer que o preconceito em relação ao feminismo é uma questão de informação equivocada. Não existem equívocos que devam ser esclarecidos através da boa informação, mas sim contra-discursos que reagem à ameaça e, muitas vezes, à efetiva transformação das relações de poder secularmente estabelecidas.

O segundo problema da introdução está novamente relacionado com a preocupação do não academicismo: "chegamos à conclusão de que gostaríamos de atingir o público mais amplo possível, homens e mulheres de diferentes gerações e classes sociais" (p. 14).

Ora, este é um país de analfabetos, que quando têm sorte de terem trabalho envolvem-se nele por até 14 horas por dia em troca de um salário de menos de 100 dólares. Este é um país em que os livros têm sua primeira edição, em torno de 3.000 exemplares, dificilmente esgotada. Este é um país onde um livro médio custa dez dólares, isto é, três dias de trabalho. Portanto, este é um livro, como todos os outros, escrito para uma minoria insignificante de consumidores deste tipo de bem. Com formato acadêmico ou sem ele, quem o lerá somos nós mesmas.

As ressalvas não invalidam o livro; sua leitura é agradável e útil. A primeira parte, sob o título "Retomando o fio da história", é uma retrospectiva sucinta do feminismo no mundo ocidental e no Brasil. Presta sem dúvida um serviço ao sistematizar informações. Em 30 páginas apresenta uma bem feita introdução à história do feminismo, muito útil certamente aos jovens pesquisadores que começam a interessar-se pelo tema e também aos cursos ministrados em nível de graduação sobre as relações de gênero. Carece, no entanto, a descrição do sentido do próprio fazer da história. Ao longo dos capítulos muitas vezes o leitor fica com a impressão de que aos poucos as estruturas de poder dominante reconheceram o valor do feminismo abrindo suas portas para ele. Isto não parece ter sido exatamente o que aconteceu. Na realidade todos os espaços que o movimento feminista e suas protagonistas conseguiram foram resultados de lutas árduas e resistências poderosas. A história não

permite linearidades, nada acontece em sucessão como parte da forma natural de ser. Contar a história do feminismo ou de qualquer outra luta social é mostrar as lutas pelas ocupações de espaços e as resistências dos vários grupos e interesses em jogo.

Na segunda parte do livro, sob o título de "Fala, Mulher" são reproduzidas entrevistas com seis feministas brasileiras: Heleleth Saffioti, Martha Suplicy, Heloneida Studart, Branca Moreira Alves, Rose Marie Muraro e Rosiska Darcy de Oliveira falam de suas histórias como feministas e de suas opiniões sobre diferentes temas relacionados com as mulheres. Esta é a parte mais rica do livro: sua leitura permite perceber a história de uma luta vivida por suas protagonistas. A forma coloquial como as entrevistas são conduzidas e como as respostas são dadas permitem uma rápida identificação entre as entrevistadas e a(o) leitora(leitor). Mais do que na primeira parte, a história foi retomada, a vontade política de uma geração foi explicitada. As entrevistas são organizadas por temas, são ao todo 12 assuntos sobre os quais as feministas escolhidas dão sua opinião. O formato é feliz pois permite ao leitor perceber a diversidade de posições entre elas e ao mesmo tempo a firmeza dessas posições e um certo sentimento coletivo de dever cumprido. As entrevistas contam a história não de um feminismo, mas das formas como o movimento constituiu diferentes sujeitos feministas. Enquanto Branca Moreira Alves descobre o feminismo a partir de seu próprio corpo, Rose Marie Muraro declara que sempre entendeu o movimento feminista como um sindicato. Não seria correto afirmar que o conjunto das entrevistas dão conta da história do feminismo no Brasil, mas certamente sua leitura permite conhecer a experiência de uma geração fundamental na luta pelos direitos das mulheres no país.

Se, por um lado, a história das mulheres e suas lutas são fundamentais, e nisto o livro presta um grande serviço, por outro, deve-

se ter cuidado de não se cair em saudosismo ou numa exposição dos feitos de uma geração. Uma deliciosa passagem do depoimento de Rosiska é um bom exemplo deste delimitado limite:

"Outro dia, fazendo um balanço do feminismo brasileiro, eu dizia a uma aluna de vinte e poucos anos que, todas as vezes que ela se sentasse para tomar um chope com uma amiga num bar, que ela agradecesse a mim, que brindasse a mim. Porque quando eu me sentava em 67, num bar, com uma amiga éramos convidadas a nos retirar, porque duas amigas sozinhas eram consideradas prostitutas. Nós nos segurávamos nas cadeiras e tinham que nos arrastar". (p.94).

Todas as mulheres que viveram a década de 60 como adolescentes ou como jovens identificam-se nas entrevistas e certamente ao lê-las teriam muitas outras histórias a contar. Para as que não viveram o período, para as mulheres jovens, não acredito que o caminho seja o brinde e o reconhecimento do quanto foi feito por elas, mas talvez seja urgente retomar a luta para que as novas gerações não tenham tanta certeza de que o chope no bar está conquistado para todo o sempre. Se contar a história é fundamental para enfrentar o comodismo do mundo em crise no fim do século, mostrar que esta história é um processo dinâmico de lutas talvez seja o maior antídoto para este mesmo comodismo.

Talvez muito das exigências que fiz ao livro de Moema e Miriam deva-se à necessidade que sinto enquanto cientista social de que as histórias dos movimentos sociais em geral e do feminismo em particular sejam recuperadas; que a memória não se perca e com ela as conquistas e, para que não dizer, as utopias que cada uma continha e contém. *A Revolução das Mulheres* abre um caminho que deve ser continuamente perseguido.

CELI REGINA JARDIM PINTO ■